

## Instintos sociais e violência

JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES<sup>1</sup>

### Efeito reversivo

Apoiando-se em *The descent of man*, a última grande obra de Darwin (1871), em que ele enfatiza os “instintos sociais” e o sentimento de simpatia que acompanham a civilização, Patrick Tort sintetizou na fórmula *a seleção natural seleciona a civilização, que se opõe à seleção natural*<sup>2</sup> sua tese sobre o “efeito reversivo da evolução”, segundo a qual a seleção natural, que elimina os menos aptos na luta pela vida, seleciona na humanidade uma forma de vida social que, pelo efeito combinado da ética e das instituições, tende a excluir cada vez mais os comportamentos eliminatórios. Na antropologia darwiniana, o tema da ultrapassagem da natureza pela cultura já havia sido discutido notadamente por Julian Huxley, para o qual, muito esquematicamente, o *homo sapiens* teria superado a espécie biológica enquanto “principal unidade da evolução”, em proveito do

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais e em licenciado e graduado em Filosofia, ambos pela Universidade de São Paulo (1964). Doctorat D'État en Science Politique na Fondation Nationale de Science Politique da Academia de Paris (1982). Foi professor titular da Universidade Estadual de Campinas de 1982 a 2005 e bolsista de produtividade do CNPq, nível 1C. Após aposentar-se, retomou as atividades docentes na condição de professor colaborador na mesma Universidade. Desenvolve pesquisas e publica artigos e livros nas áreas de história da filosofia antiga, teoria política, materialismo, marxismo, instituições brasileiras, entre outros temas.

<sup>2</sup> Patrick Tort, “Darwin lido e aprovado”, *Crítica Marxista* 11 (2000), p. 113. A passagem em itálico assim está no original.



“método da experiência cumulativa combinado a propósitos conscientes»<sup>3</sup>. A fórmula de Patrick Tort tem a ambição de vincular dialeticamente seleção natural e civilização: esta se instaura invertendo o funcionamento daquela. A hipótese é engenhosa, mas seu pressuposto (o “efeito combinado da ética e das instituições”) é muito discutível. Ao passo que por se ater à constatação de que o colossal domínio material e cognitivo adquirido pelo homo sapiens sobre as forças naturais colocou num segundo plano os fatores biológicos de sua evolução, J. Huxley dispensa-se de formular hipóteses sobre a determinação recíproca entre biologia e cultura, contentando-se em separá-las abstratamente: uma de um lado, outra de outro; uma antes, outra depois.

Sem dúvida, não se deve pedir a uma fórmula mais do que ela pode dar. Mesmo admitindo que a civilização *tende* a eliminar os comportamentos eliminatórios, constatamos de outro lado que ela comporta contra tendências, as quais, embora condenadas pelos valores ideológicos oficiais, não só não foram abolidas, mas provocaram, ao longo do século XX, duas guerras mundiais, além de muitas outras, geograficamente mais limitadas, mas não menos atroz. A iniciativa eliminatória mais letal foi, pelo critério objetivamente aritmético da quantidade de vítimas por unidade de tempo, a utilização pelos estadunidenses em Hiroshima e Nagasaki no mês de agosto de 1945, da bomba nuclear que acabava de ser inventada. A pulverização em alguns minutos de cerca de 200.000

---

<sup>3</sup> Julian Huxley, *Evolution in Action*. New York: The New American Library, 1953, p.14. Comentamos essa tese em “O trabalho, adaptação seletiva”, in *Materialismo e Evolucionismo volume II A origem do homem*, Campinas: CLE/Fapesp, 2011, pp 135-136.

japoneses foi, com efeito, a maior operação de extermínio de toda a trajetória do *homo sapiens*.

Durante as quatro décadas seguintes, da ruptura do monopólio nuclear estadunidense pelos soviéticos (1949) até a derrocada do bloco socialista do leste europeu, o confronto estratégico que opôs a União Soviética aos Estados Unidos foi adequadamente caracterizado como equilíbrio do *terror* nuclear. Longe de conduzir, como anunciaram então os porta-vozes das potências ocidentais triunfantes, a uma era de paz universal, num mundo livre de fronteiras e de muros, o desaparecimento da “ameaça soviética” estimulou um ciclo aparentemente longo (que já se estende por duas décadas) de agressões por parte da Otan, cujos pretextos variam entre a mentira pura e simples (as “armas de destruição maciça” que o iraquiano Saddam Hussein teria acumulado), a retórica da cruzada (contra o “terrorismo”) e a hipocrisia explícita dos “humanitarian air strikes”. Um antigo adágio define a hipocrisia como a homenagem que o vício presta à virtude. As únicas armas de “destruição maciça” utilizadas no Iraque eram as que os invasores anglo-estadunidenses para lá levaram e despejaram em escala genocida. Oficialmente, porém estas armas foram declaradas “inteligentes” (*smart*), precisas, cirúrgicas, com “efeitos colaterais mínimos”. Não há de ser preciso insistir em que essa alardeada preocupação em limitar os efeitos eliminatórios da chuva de mísseis não passa de um tributo hipócrita prestado pelo belicismo aos valores da civilização. Frágil tributo, na verdade: o Pentágono intitulou “Choque e pavor” a campanha militar de invasão do Iraque, desencadeada em março de 2003. A utilização do termo *awe* (pavor) em vez de *terror* não atenua o caráter eliminatório da empreitada bélica, apenas evitou servir-se de um termo que designava o inimigo a eliminar (o *terrorismo* islâmico).

Patrick Tort poderia replicar que o “efeito reversivo da evolução” constitui uma tendência *de longo prazo* e que portanto a persistência de comportamentos eliminatórios em larga escala não o nega enquanto *tendência*, apenas mostra que esta segue enfrentando *contra tendências* regressivas. Estas, porém tanto podem ser interpretadas, de modo otimista, como resíduos de um longo passado, quanto, de modo pessimista, como manifestações persistentes da barbárie moderna. A questão decisiva, entretanto, consiste em saber se efetivamente o conceito de efeito reversivo da seleção natural oferece a chave da compreensão da evolução humana.

#### **Ajuda mútua e invenção técnica**

Uma explicação mais antiga dos instintos sociais, também inspirada no darwinismo, prescinde da hipótese do “efeito reversivo da evolução”. No início do século XX Peter Kropotkin publicou seu conhecido estudo sobre a ajuda mútua como fator da evolução<sup>4</sup>. Criticando a redução do princípio da seleção natural a um hobbesianismo vulgar, ele pôs sistematicamente em evidência os efeitos decisivos da cooperação nas mais diversas espécies de viventes, sustentando que eles são mais importantes para garantir a sobrevivência do que os comportamentos eliminatórios. Diferentemente de darwinianos como Julian Huxley e Patrick Tort, que enfatizam o salto do *homo sapiens* da natureza para a cultura, Kropotkin generaliza a todos os viventes o princípio da ajuda mútua. Exatamente porque esta proporcionou desde sempre vantagem seletiva na luta pela sobrevivência, não há porque introduzir uma

---

<sup>4</sup> Peter Kropotkin, *Mutual aid, a factor of evolution*. Mineola: Dover, 2006. (Primeira edição: Londres: Heinemann, 1902). Agradeço ao amigo e colega C. A. Dória a sugestão de levar em conta este livro.

ruptura na história natural para explicar o predomínio dos comportamentos não eliminatórios e dos “instintos sociais” na civilização. A vantagem seletiva desses comportamentos estava operante desde os estágios iniciais da propagação da vida pela reprodução sexuada.

Se a hipótese da ajuda mútua torna, senão inútil, ao menos pouco relevante a do salto reversivo da evolução, a antropologia marxista, sem rejeitá-la, subordina-a aos efeitos do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho sobre as relações sociais. A produção de riquezas, nas mais brilhantes civilizações da Antiguidade, bem como nas colônias da Europa, era movida a trabalho escravo e a luta de classes, com seus desdobramentos em confrontos entre povos disputando acesso à terra e a suas fontes de riqueza, tem constituído a trama básica da história social da humanidade. Diferentemente do darwinismo, para o qual a tendência à superação dos “comportamentos eliminatórios” acompanha linearmente o progresso da civilização, este, para o marxismo, acompanha-se da exploração do homem pelo homem. Ninguém melhor do que Engels, em seu discurso de despedida à beira do túmulo de Marx, relacionou o legado teórico do autor do *Capital* com o do autor da *Origem das espécies*: “assim como Darwin descobriu a lei de desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana”. O *homo* submeteu progressivamente a seus fins os meios e objetos sobre os quais incidia sua luta pela sobrevivência ao tornar-se um produtor de formas úteis inventando ferramentas que lhe permitiram ultrapassar a condição comum a todos os viventes (extrair imediatamente da natureza ambiente seus meios de subsistência). Mas essa capacidade de criar formas úteis é moralmente neutra. Pode servir tanto para o “bem” quanto para o

“mal”. Não há nisso nada de surpreendente. Não é a bondade ou maldade de um artefato, mas sua eficiência que conta para a evolução. Desde sua aurora pré histórica, a invenção técnica exibiu sua radical ambiguidade ética: o progresso da civilização sempre esteve associado ao das artes conexas da caça e da guerra. Não foi eliminando comportamentos eliminatórios, mas forjando ferramentas de dominação da natureza e de outros humanos, que o *homo* se tornou humano.

Nem as ideias de Kropotkin, nem as de Marx, são incompatíveis com as de P. Tort. Não é preciso aceitar “in totum” a defesa e ilustração, empreendida por Kropotkin, da ajuda mútua como fator fundamental da evolução para constatar que, desde os primórdios, os instintos sociais foram tão decisivos para a sobrevivência quanto os comportamentos eliminatórios. Mas embora a pertinência da ajuda mútua enquanto princípio explicativo seja inegável, a dificuldade está em avaliar sua importância relativa na imensa multiplicidade das espécies e na vertiginosa complexidade de sua morfologia. Mesmo o cuidado com a progênie, modo mais elementar do altruísmo, que por ser unilateral não é *mútuo*, varia consideravelmente de uma espécie para outra, da quase indiferença até o sacrifício da própria vida. As espécies sexuadas que sobreviveram e se transformaram foram as que lograram encontrar, a partir de suas condições biológicas próprias, o modo adequado de sobreviver e de gerar descendentes. A competição pelo alimento costuma pôr rudemente à prova os impulsos altruístas, mas são muitos os exemplos de espécies, notadamente as aladas (pássaros, morcegos) que regurgitam para nutrir a prole. Nem por isso é o caso de falar, a respeito deles, em “efeito reversivo da evolução”. Basta

constatar, com Kropotkin, que os comportamentos altruístas resultam da própria seleção natural. Com efeito, não havendo (salvo para a teologia criacionista) nenhum “plano diretor” para a vida orgânica, encontramos na história natural as mais díspares soluções adaptativas, tanto no concernente à relação com a progênie quanto aos modos de sociabilidade.

As formigas, as abelhas e as térmitas são habitualmente apresentadas como exemplo cabal de sociedade animal altruísta sociedade em que o indivíduo é mero acidente da substância social. Porém, mesmo nessas sociedades altruístas, em que os indivíduos identificam-se imediatamente ao grupo a que pertencem, deparamo-nos não somente com diferenças funcionais (reprodutores, operários etc.), mas também com parasitismo escravista e mutualismo. Em relação aos homínídeos, que apresentam, comparados aos demais viventes, um grau médio de sociabilidade e entre os quais portanto os indivíduos dispõem de certa autonomia, os modos de associação inter e trans genéricos tendem a se desenvolver com ainda maior variedade, sobretudo considerando os efeitos do aumento exponencial e sinérgico da destreza manual e da capacidade cerebral do *homo habilis* e *erectus*.

Reconhecendo desde logo que a inexaurível diversidade dos processos evolutivos transborda as classificações fixas, constatamos que interações biológicas como o *mutualismo*, o *parasitismo* e a *simbiose* comportam algumas modalidades que dificilmente podem ser consideradas ajuda mútua no sentido próprio da expressão. Após referir exemplos de *mutualismo* (espécies de formigas que mantêm, sem violência eliminatória, dependência recíproca com pulgões, alimentando-se do líquido que estes excretam quando estimulados

no abdómen pelo contato com suas antenas), Darwin descreve, no tópico “Slave-making instinct” do capítulo 8 (“Instinct”) da *Origem das espécies*, o que chama de *instinto escravista* entre formigas. Aplicado a estes insetos, o termo *slave* apoia-se em evidente analogia com o comportamento humano. As espécies dotadas de tal instinto, nomeadamente *Polyergus rufescens* e *Formica sanguinea*, atacam outros formigueiros, em geral da *Formica fusca*, exterminam as adultas e se apoderam das ninfas, isto é, das larvas já desenvolvidas. Desprovidas de qualquer referência ao formigueiro originário, as formigas oriundas dessas ninfas tornam-se servidoras de suas raptoras. Estas, por sua vez, numa inversão que lembra irresistivelmente a dialética hegeliana do senhor e do escravo, tornam-se tão dependentes de suas servas que sem elas não podem nem cavar suas tocas, nem alimentar-se<sup>5</sup>.

Darwin achou “wonderful” o instinto escravista da *Polyergus rufescens*<sup>6</sup>, mas como Patrick Tort observou ao comentar a pormenorizada descrição desse fenômeno no verbete « Esclavage » do monumental *Dictionnaire du darwinisme et de l'évolution*<sup>7</sup>, ele considerava abominável o dos humanos. Entretanto, embora sincero, esse horror não o impediu, perante a Guerra de Secessão estadunidense, de lamentar, com britânico pragmatismo, a crise da produção de algodão nas plantações escravistas dos Estados sulistas em guerra contra o Norte abolicionista, que estava privando os

---

<sup>5</sup> Charles Darwin, *The origin of species*. A reprint of the sixth edition(1859). London: Oxford University Press, 1968, pp. 281-285.

<sup>6</sup> Ib.p. 281.

<sup>7</sup> Patrick Tort (organizador), *Dictionnaire du darwinisme et de l'évolution*, três volumes, Paris: P.U.F., 1996.



britânicos da matéria prima indispensável à indústria têxtil. Não passaria de uma banalidade dizer que sua moral era bem relativa. Mais interessante seria examinar a natureza do contraste entre seu horror pela escravidão propriamente dita, a do homem pelo homem e sua admiração perante a da formiga pela formiga. Sem dúvida, não se pode atribuir valor moral aos arranjos evolutivos que se mostraram seletivamente vantajosos, ao passo que a escravidão humana agride frontalmente os valores que a moralidade atual preconiza. Só muito recentemente, porém consolidou-se um consenso majoritário para considerar a escravidão abominável. A Inglaterra, nomeadamente, só proibiu o tráfico negreiro no primeiro quarto do século XIX e a França só aboliu a escravidão em suas colônias em meados do mesmo século. Na Grécia e Roma antigas, ela nunca foi abolida. Como porém recusar a esses países o título de civilizações? Seria jogar com as palavras. Mais razoável é admitir, como sustenta o marxismo, que a moral não é independente da base econômica das relações sociais e que a defasagem é profunda entre a *ideia* de humanidade e a civilização humana tal como ela efetivamente se desenvolveu.

Com efeito, ao longo da evolução humana, a simpatia e o altruísmo permaneceram limitados ao interior da horda ou do clã e, mais adiante, da etnia e da classe social, mas não vigoraram entre populações distintas de uma mesma espécie, nem na espécie em seu todo. Considerações análogas aplicam-se aos artefatos materiais e aos componentes cognitivos da técnica. Eles constituem patrimônio comum das populações que os inventaram, conferindo-lhes vantagem seletiva em relação às demais. Sem dúvida, os contatos, pacíficos ou belicosos, entre populações e etnias distintas suscitarão

certa difusão de conhecimentos técnicos, mas parece-nos altamente improvável que esta difusão tenha correspondido a *iniciativas* altruístas por parte dos que detinham tais conhecimentos.

Dir-se-á que não faltaram, ao longo da história, aspirações a tornar universais os sentimentos humanitários. Não por acaso, porém no mais das vezes foi através de duros confrontos que essas aspirações adquiriram algum peso histórico. Também no mais das vezes, as grandes religiões monoteístas universais, o cristianismo e o islamismo<sup>8</sup>, entenderam a universalização como assimilação. Ao longo de sua trajetória, eles não se abstiveram de propagar a ferro e fogo a fé “verdadeira”. Em nossos dias, o cartel bélico da Otan recorre a métodos eliminatórios semelhantes para impor o que seus porta-vozes chamam de *globalization, democracy, human rights, international community* etc.

### **Linguagem**

A comunicação por sons articulados constituiu um marco inédito e decisivo na evolução dos homínídeos, abrindo ilimitadas possibilidades de desenvolvimento da capacidade cerebral, de interação social e de domínio cognitivo do meio circundante, sem comum medida com os códigos de comunicação de que dispõem outras espécies de viventes. Os dados arqueológicos diretos sobre a formação da linguagem articulada provêm de certos traços anatômicos da evolução humana. Os antropólogos soviéticos Diakov

---

<sup>8</sup> Não mencionamos o judaísmo por considerá-lo um monoteísmo de vocação predominantemente nacional.

e Kovalev salientaram a importância da adoção da posição vertical e da diminuição do volume do maxilar inferior sobre a fala: graças a elas a laringe e as cordas vocais puderam se desenvolver. Evidentemente, elas desenvolveram-se em complexa correlação com o aumento da capacidade cerebral e da destreza manual. Tran-Duc-Thao notou muito pertinentemente a esse respeito que “a mudança fundamental” na inflexão decisiva para a hominização não consistiu “na aquisição da bipedia em geral, mas *da bipedia enquanto ela libera a mão*. Tanto assim que os gibões andam muito bem sobre os dois pés, mas são obrigados a estender os braços para manter o equilíbrio: não há, pois liberação da mão”<sup>9</sup>. Liberando as mãos, os hominídeos puderam especializá-las, com crescente destreza, na multiforme aquisição de meios de subsistência e assim ultrapassar gradualmente a mera coleta, que permanecia circunscrita ao aqui e o agora, porque condicionada pelo reflexo sensório-motor no contexto biológico imediato.

Alguns paleontólogos atribuem a invenção da linguagem articulada ao *homo erectus* (-1.800.000 anos), outros ao *homo heidelbergensis*, que viveu na África e na Europa entre os anos -700.000 e -300.000. Qualquer que tenha sido o momento em que os humanos passaram a transmitir uns aos outros informações veiculadas em signos sonoros, esse modo inédito de comunicação exerceu um efeito duplo, para dentro e para fora, sobre as populações que dela se serviam. Ele reforçou os laços sociais entre aqueles que participavam da mesma identidade linguística, mas os

---

<sup>9</sup> (o itálico é do original). Tran-Duc-Thao, *Recherches sur l'origine du langage et de la conscience*, Paris, Éditions sociales, 1973, p. 68, nota 2.

opôs aos que a ela não pertenciam. Um estudo recente sobre o *homo heidelbergensis* sustenta que nele é nítida a cooperação na busca de alimentos e na reprodução, mas que ele não apresenta traços convincentes de simbolismo, arte, cultura cumulativa<sup>10</sup>. Parece evidente que o novo patamar evolutivo instaurado pela linguagem, que levou da expressão de emoções e da transmissão de sinais por grunhidos ou gritos até a comunicação por palavras, explica em larga medida o forte grau de cooperação constatado entre os *heidelbergenses*. Foi sobretudo nas formas cooperativas de trabalho, em que a presteza e precisão da comunicação são indispensáveis (na caça de grandes animais, por exemplo), que a possibilidade de completar por palavras os gestos indicativos e os grunhidos ou gritos revolucionou a luta pela sobrevivência.

Durante uma transição sem dúvida longa, em que a habilidade manual se desenvolvia em sinergia com a capacidade cerebral, relampejaram no cérebro dos hominídeos, em incontáveis ocasiões, as imagens abstratas dos gestos manuais de raspar, cortar, furar, esmagar, lançar, moer, polir, martelar etc. Gradualmente, eles tornaram-se capazes de discernir e fixar na mente aquelas imagens e em seguida de começar a *construir* instrumentos adequados às funções produtivas representadas por cada uma delas, e limitava-se ao uso de instrumentos *stricto sensu* (objetos naturais em estado bruto). A designação mais comum desse salto evolutivo é passagem da pedra lascada à pedra polida, mas o fato decisivo subjacente a esta

---

<sup>10</sup> B. Dubreuil, "Paleolithic goods games: why human culture and cooperation did not evolve in one step", *Biology & Philosophy*, 25 (1), janeiro de 2010, pp. 54-55. Na verdade, o *heidelbergensis* somente teria carecido de *artefatos* simbólicos, já que falar é associar um símbolo fonético a uma representação mental.

passagem é a invenção das *ferramentas*, portanto a produção de meios de produção. Trata-se de um fato recente na história natural do *homo*. Quer situemos a aquisição da capacidade de se expressar por sons articulados na época do *homo erectus*, quer na do *homo heidelbergensis*, em qualquer caso, foi muito longa a duração que a separa do começo da fabricação de ferramentas. Esta grande anterioridade cronológica da linguagem sugere claramente que a atribuição de um nome a cada uma das imagens das formas instrumentais foi decisiva para impô-las à pedra e aos demais materiais de que se serviam.

Seria de esperar que Patrick Tort examinasse os efeitos desse salto evolutivo na sociabilidade humana. Mas provavelmente porque ele se ateve, nessa questão fundamental, aos temas de que o próprio Darwin tratou, não encontramos no *Dictionnaire du darwinisme et de l'évolution* um verbete “Langage” (nem tampouco um verbete “Technique”). O verbete “Civilisation” não supre essas ausências; seu objetivo é justificar pelo contexto histórico-ideológico o uso às vezes demasiado eurocêntrico que Darwin faz desse termo.

No estudo pioneiro que consagrou ao *papel do trabalho na transformação do macaco em homem*<sup>11</sup>, após situar na dinâmica evolutiva do trabalho cooperativo a origem da linguagem articulada, Engels faz observações notáveis sobre os efeitos que ela suscita nas interações biológicas entre o homem e os animais domésticos que lhe são mais próximos. Nota que o cão e o cavalo adquiriram um ouvido tão sensível à voz humana que eles

---

<sup>11</sup> Engels, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, texto escrito em 1876, publicado "post mortem" em 1896 em *Die Neue Zeit*, órgão da Internacional Socialista.

“podem, no marco de suas representações, chegar a compreender qualquer idioma[...]. Quem conhece bem estes animais dificilmente poderá escapar da convicção de que, em muitos casos, essa incapacidade de falar é vivida *atualmente* por eles como um defeito. Desgraçadamente, esse defeito não tem remédio, pois seus órgãos vocais se acham demasiado especializados em determinada direção. Não obstante, quando existe um órgão apropriado, essa incapacidade pode ser superada dentro de certos limites". É o caso do papagaio, o qual, "no âmbito de suas representações", "pode chegar a compreender o que diz"<sup>12</sup>.

As descobertas biológicas e arqueológicas acumuladas ao longo do século XX confirmaram amplamente as observações de Engels. A respeito da linguagem, em particular, sabemos hoje que os chimpanzés, nossos mais próximos parentes, não falam não porque não pensam, mas porque não dispõem de aparelho fonador capaz de produzir sons articulados. Um chimpanzé pode aprender e utilizar centenas de signos linguísticos, servindo-se de linguagens humanas artificiais que dispensam as cordas vocais e a articulação dos sons, como os códigos utilizados pelos surdos-mudos. Mas ele aprende o que o homem lhe ensina. Suas capacidades cerebrais ociosas são estimuladas em situação de domesticação (a saber, num laboratório de pesquisas primatológicas). O que confirma a evidente vantagem evolutiva da capacidade de comunicar-se por sons articulados. Afinal, para o bem ou para o mal, foi o homem e não o chimpanzé que dominou o planeta.

---

<sup>12</sup> Versão em espanhol, Moscou, Editorial Progresso, 1966, pp. 6-7.

Menos evidente é o caráter *técnico* dessa capacidade, que se vincula à conexão evolutiva da mão com o cérebro. Na exposição original e riquíssima de observações concretas que Aristóteles nos oferece da doutrina biológica que hoje chamamos desígnio inteligente, encontramos uma visão hierárquica das formas orgânicas e técnicas que prevaleceu até o final do século XVIII<sup>13</sup>. Nessa hierarquia, que o pensamento aristotélico e as demais filosofias da forma consideram constituir a ordem perene da natureza, os instrumentos técnicos subordinam-se à mão e esta à inteligência. Em *Das partes dos animais*, Aristóteles pondera que «o mais inteligente é aquele que é capaz de bem utilizar o maior número de instrumentos; ora a mão parece ser não um, mas muitos instrumentos. Ela é com efeito, pode-se dizer, um instrumento dos instrumentos»<sup>14</sup>. Ele observa também que o homem anda reto (*orthón*) porque sua natureza e sua essência são divinas e sendo próprio ao divino pensar e saber, sua cabeça não deve pesar muito, como ocorreria se ela estivesse inclinada para a frente, como ocorre com os demais mamíferos<sup>15</sup>.

Ao contrário do que sustentou Anaxágoras, para o qual é por possuir mão que o homem é o mais inteligente dos viventes, ele entende que é por ser eminentemente dotado de inteligência que o homem dispõe deste instrumento natural polivalente que lhe

---

<sup>13</sup> A modificação introduzida na filosofia da vida pela doutrina cartesiana dos animais-máquina não se impôs, dada a extravagância de suas conseqüências. Sobre essa doutrina ver o texto de Sívio Chibeni no presente volume.

<sup>14</sup> *De partibus*, IV,10, 687 a 18-21. Acrescenta logo adiante que a mão « é capaz de tudo capturar e de tudo segurar» (a 24). Ver tb. II, 1, 646, b 24 ; IV, 10, 687, b 5. Também no *De anima*, III, 8, 432 a 1, ele define a mão como « um instrumento dos instrumentos ».

<sup>15</sup>*De partibus*, IV,10, 686 a 27-32.

permitiu construir instrumentos técnicos especializados<sup>16</sup>. A teoria da evolução ultrapassou as opiniões opostas de Anaxágoras e Aristóteles, pondo em evidência a correlação dinâmica entre cérebro, mão e linguagem.

Para Aristóteles, a inteligência explica não somente a supremacia do homem em relação aos demais viventes, mas também a desigualdade no interior das coletividades humanas. É o que ele sustenta em duas passagens bem conhecidas da *Política*. Relativamente a outros viventes também considerados políticos (as abelhas, as formigas, as vespas e os groues), o homem, por ser o único a dispor da palavra (*lógos*), é político num grau eminente<sup>17</sup>. Relativamente à desigualdade entre os próprios homens, ele contrapõe "aquele que, graças à sua inteligência, é capaz de prever, exerce o comando (*arkhôn*) por natureza, é senhor de escravos (*despôzon*) por natureza", àquele "que, pela força corporal, pode executar, é dirigido (*arkhômenon*) por natureza, escravo (*doûlon*) por natureza"<sup>18</sup>. É clara aqui a transposição à *pólis* da metáfora do organismo<sup>19</sup>: os cidadãos e suas economias domésticas (*oikíai*) são partes da coletividade, assim como os órgãos são partes do corpo. A metáfora está lexicamente sugerida pelo termo *hólon*, que denota o

---

<sup>16</sup> *De partibus*, IV, 10, 687 a 8.

<sup>17</sup> *Pol.* I, 2, ib., 1253a 7-10. Nunca se insistirá demais em que o sentido dessa caracterização do humano fica totalmente adulterado se, além de traduzirmos *polítikon* por *social*, interpretarmos como anúncio de um destino transcendente a frase *lógon de mónon ántropos ekei tōn zōon*

<sup>18</sup> *Pol.* I, 2, 1252a 31-34.

<sup>19</sup> Segundo a hipótese sustentada por J. Le Blond em seu notável *Logique et méthode chez Aristote*, de (Paris, Vrin, 1939, pp.346-372), o "esquema biológico" constitui um dos grandes paradigmas da analítica aristotélica.



todo enquanto necessariamente anterior às partes<sup>20</sup>. O uso da palavra é traço distintivo dos humanos, mas como os escravos também falam, é a inteligência, da qual a fala e a mão são atributos, que fundamenta a hierarquia social e distingue os homens livres dos escravos por natureza.

### **Violência e civilização**

*Civilização* talvez seja uma ideia clara, mas certamente não é uma ideia distinta. O ponto mais discutível dessa noção tal como Patrick Tort a emprega é sua vinculação essencial com o predomínio dos comportamentos não eliminatórios. Deixando abertas as hipóteses suscetíveis de explicar a persistência das contra tendências eliminatórias, nomeadamente a guerra, comportamento eliminatório por excelência que tem acompanhado a trajetória dos humanos desde a pré história, constatamos que a questão é tanto mais complexa que um grau máximo de altruísmo, tal qual o encontramos no formigueiro, na colmeia e no cupineiro, não oferece um paradigma desejável aos humanos, em que pesem os retratos imaginários da sociedade ideal traçados por muitos reformadores do mundo, de Platão a Thomas More e deste aos socialistas utópicos do século XIX. O território da imaginação é ilimitado, mas sintomaticamente os paradigmas da colmeia e do formigueiro transparecem nesses retratos.

Mas tampouco serve de paradigma o individualismo que Hobbes sintetizou em algumas de suas fórmulas célebres: guerra de todos contra todos, o homem é um lobo para o homem. Entre a formiga e o

---

<sup>20</sup>*Pol.*, ib., 1253 a 20-23: "se o corpo for destruído, não haverá mais pé nem mão, salvo por homonímia, como quando falamos de uma mão de pedra[...]"

lobo, os paradigmas que mais inspiram os *ideais* da moralidade contemporânea remontam à Declaração de Independência dos Estados Unidos em 1776 e principalmente às declarações dos direitos universais do homem e do cidadão formuladas pela Revolução Francesa entre 1789 e 1793 justapõem os dois valores irrenunciáveis, embora nem sempre harmônicos, da liberdade e da igualdade.

É possível que a realidade concreta da humanidade venha a coincidir substancialmente com os ideais de uma civilização que universalize a emancipação e a igualdade social num mundo sem fronteiras, nem guerras, nem opressão. O progresso da civilização, depende, segundo Darwin, da consolidação dos “instintos sociais”. Mas estes não são necessariamente convergentes nem independentes da base técnica da sociedade. Um bom exemplo de conflito de instintos sociais nos é oferecido pelos sentimentos contraditórios do próprio Darwin perante a Guerra de Secessão estadunidense. Devemos considerar civilizada sua compaixão pelos negros acorrentados e bárbara sua preocupação com a falta de insumos para a indústria têxtil britânica? Essa contradição se resolveu na prática pela abolição da escravidão. Mas temos assistido a constantes ressurreições desse peculiar e ambíguo conúbio de civilização e barbárie. A compreensão de tal persistência remete à história longa da dominação das forças naturais pela capacidade técnica, adquirida através da hominização, de criar formas úteis, que obedece, cumpre insistir, não à lógica do altruísmo, mas à da eficiência e por isso é em si mesma eticamente neutra, senão ambígua. Sem dúvida, as utilizações possíveis de um artefato ou de um saber prático estão inscritas em suas funções respectivas: não se pode pescar com um machado, nem fender um corpo com um arpão. Mas pode-se usar o

machado e o arpão tanto para obter lenha ou completar a dieta alimentar quanto como armas de combate, para defender-se ou atacar: elas podem pois visar tanto à ajuda mútua quanto a comportamentos eliminatórios. Evidentemente, quanto mais especializado o artefato, mais circunscrito estará seu uso. Os mísseis servem apenas para destruir seus alvos.

A associação entre técnica e violência e a relação ambígua daquela com a moralidade remontam às origens da hominização. Robert Ardrey vinculou-as à passagem à bipedia. A redução das florestas na África colocou os primatas, até então arborícolas, diante de um impasse: acirrar a luta pela sobrevivência perante a escassez crescente de árvores ou descer ao chão à cata de novas opções alimentares. Um ramo audacioso (ou mais famélico) dos primatas resolveu o dilema (aceitar passivamente a lei malthusiana da população ou adaptar-se ao solo), arriscando-se a descer das árvores. Muitos certamente terminaram nas garras dos grandes felinos da savana, sempre à espreita. Mas os que sobreviveram desenvolveram, ao longo de milhões de anos, a bipedia e a postura ereta, liberando e especializando a mão, condicionante decisivo do desenvolvimento do cérebro. A liberação da mão, segundo Ardrey, permitiu aos primatas bípedes que enfrentaram o risco de lutar pela vida no chão, improvisar rudimentos de armas para se defender e para começar a caçar pequenos animais <sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> "Crossing predator-hunted meadows between fruit-bearing forest clumps would have been a high-risk venture without some kind of expedient weapon in our hand. And so, for defensive purposes, preadaptation for hunting and meat-eating came about. To carry a weapon demanded free hands. To free our hands, a degree of erect posture and bipedal movement, however awkward, became a necessity[...] Perhaps as our capacities increased we use our weapons not entirely to defend ourselves, but on occasion to knock down a small, slow animal and so supplement

Milhões de anos depois, o *homo sapiens*, já atingida a etapa dita neolítica, usava para fins eliminatórios as armas que produzia. É o que confirmam estudos de sepulturas datadas do final do VI e começo do V milenário antes de nossa era. A mais célebre dessas sepulturas, descoberta em 1983 nas escavações de Talheim, em Baden-Wurtemberg, consistia numa fossa comum contendo trinta e quatro corpos, mais da metade dos quais apresentava marcas de traumatismos profundos concentrados no crânio, provocados por golpes de machado. Em Herxheim (Palatinato) e em Asparn-Schletz (Áustria), duas outras aldeias neolíticas também da mesma tradição cultural dita do Rubané (característica do início do Neolítico), foram encontradas respectivamente mais de 300 e mais de 100 ossadas, a maioria, principalmente as crianças, com marcas de fraturas e cortes provocados por machados ou estiletos<sup>22</sup>. Na França, as ossadas com marcas de morte brutal até agora encontradas concentram-se entre -3500 e -2500, na fase final do neolítico europeu.

Resumindo suas conclusões, Beyneix enfatiza o contraste entre a abundância crescente de armas ofensivas (especialmente flechas) e a diminuição relativa do consumo de carne graças aos progressos da agricultura. Impõe-se a inferência: as armas destinavam-se mais à guerra do que à caça. A revolução agropastoril, ao fixar as populações humanas em aldeias, suscitou cobiças constantes que

---

our diet of fruit with odd bits of meat. Whether we did or we didn't, we were being preadapted for the hunting life, though millions of years might pass before the final reduction of forest made meat-eating a survival necessity. (R. Ardrey, *The hunting hypothesis*, London, Collins, 1976, p. 43).

<sup>22</sup> Alain Beyneix, "Aux origines de la guerre: actes de violence et massacres dans le néolithique européen", *Revue des Études Anciennes*, 103, nº3-4 (2001), p. 332-333. O autor é pesquisador do Laboratoire de Pré-histoire du Museum National d'Histoire Naturelle de Paris.

conduziram à pilhagem e aos massacres dos vizinhos ou a incursões de hordas nômades ou seminômades. Implicando na delimitação do território, portanto na possibilidade de que este fosse “invadido”, o sedentarismo tornou-se nova causa de confrontos bélicos. Ele nota ainda que “as tentações belicosas parecem mais importantes nas sociedades não igualitárias”, tanto assim que “os primeiros sinais de uma hierarquização social e do surgimento do poder aparecem precisamente no meio do Neolítico na Europa Ocidental”<sup>23</sup>.

Mais de um século depois, estas e outras descobertas convergentes confirmaram o extraordinário alcance científico das teses sobre a conexão entre agricultura, linhagem patriarcal, opressão da mulher e propriedade privada da terra, desenvolvidas por Frederick Engels em *A origem da família, da propriedade e do Estado* (1884). O crescente domínio exercido pelo *homo faber/sapiens* sobre as forças naturais permitiu-lhe satisfazer mais abundante e eficientemente as carências da vida. Mas a vida de quem? Das coletividades (horda nômade, aldeia neolítica) que forjavam formas úteis à própria sobrevivência. No interior de cada uma dessas coletividades, o progresso técnico cimentou “instintos sociais”, a começar da cooperação na produção. Relativamente às demais, entretanto, cada uma permaneceu em estado de natureza, tanto no sentido hobbesiano (não há pacto possível) quanto no darwiniano (comportamentos eliminatórios, cujo mais radical paradigma é a cadeia alimentar: excetuados os vegetais que operam a fotossíntese, a vida de uns é a morte de outros). O que do ponto de vista da sardinha é contradição, do ponto de vista do tubarão é complementaridade. Estes grandes peixes fusiformes não

---

<sup>23</sup> Beyneix, ib., p. 340-341.

deixam de ter razão: afinal, o que as sardinhas são para eles, o plâncton é para as sardinhas: o cadáver dos tubarões adensa o plâncton, fechando a cadeia alimentar.

Compreende-se assim porque os avanços técnicos revolucionários que tornaram possível a sobre produção e a acumulação de reservas de alimentos, afastando a ameaça constante da fome, conduziram também ao emprego regular da violência armada, à dissolução da comunidade primitiva, à conseqüente divisão da sociedade em classes e ao surgimento do Estado. Por tudo isso, a tese de que a invenção da civilização teria favorecido e reforçado os instintos que Darwin chama sociais só nos parece aceitável com muitas ressalvas. Além dos massacres pré-históricos relatados por Beyneix, a caça de humanos por humanos foi estimulada pelo canibalismo, que ajudou a completar a dieta alimentar, até que com os progressos da agricultura e da criação de animais domesticados, foi se tornando mais vantajoso fazer um cativo trabalhar do que comê-lo. A captura de escravos, que dividiu a sociedade em exploradores e explorados, não é, diferentemente do canibalismo, um comportamento eliminatório no sentido estrito. Mas por isso mesmo configura um modo propriamente humano de se apropriar da vida alheia e de reduzi-la a uma condição análoga à de um rebanho.

Não nos escapou a ironia, sintomática, porque inevitável, contida na duplicidade de sentido da expressão “modo propriamente humano”. A escravidão propriamente dita, não a da formiga pela formiga, é um fato próprio à história humana; a ela recorreram todas as grandes civilizações; todas as grandes religiões justificaram-na. Classificá-la de desumana é moralmente simpático. Mas com isso estamos também classificando de desumana ou menos humana a maior parte da história de nossa espécie.

Meditando sobre a defasagem entre a realidade dos homens e a ideia de humanidade, o célebre ensaísta britânico Aldous Huxley, menos otimista do que seu irmão Julian, refere-se ironicamente, numa novela publicada em 1925, à emocionada admiração de Charles Dickens perante o sentimento moral e a nobreza de caráter que muitas vezes podem-se discernir no fundo da miséria, da degradação, do crime. Herdamos essas qualidades dos animais que são nossos ancestrais e partilhamo-las com nossos bichos de estimação. As virtudes são tão naturais no homem quanto seus órgãos digestivos. Por acaso nos emocionamos, pergunta, pelo fato de que o homem tem um pâncreas ou um fígado? Reconfortante seria encontrar nas sociedades contemporâneas “virtudes peculiarmente humanas”: mente aberta, ausência de preconceitos irracionais, completa tolerância e uma estável e razoável busca por bens úteis à sociedade. Mas são exatamente estas as virtudes que não logramos encontrar<sup>24</sup>.

A palavra-chave desse paradoxo construído em torno dos dois sentidos de “humano” é “peculiarmente”. Embora a noção hegeliana de *Gattungswesen* (=essência genérica do homem) seja estranha à linguagem elegante do pensador britânico, ela recobre conteúdo

---

<sup>24</sup> “There is no reason to be particularly proud of qualities which we inherit from our animal forefathers and share with our household pets. The gratifying thing would be if we could find in contemporary society evidences of peculiarly human virtues – the conscious rational virtues that ought to belong by definition to a being calling himself Homo Sapiens. Open-mindedness, for example, absence of irrational prejudice, complete tolerance and a steady, reasonable pursuit of social goods. But these, alas, are precisely what we fail to discover. For to what, after all, are all this squalor, this confusion and ugliness due but to the lack of the human virtues? The fact is that [...]we sapient men have practically no human virtues at all. Spend a week in any great town, and the fact is obvious”. Aldous Huxley, *Those Barren Leaves, A Novel*, Londres, Chatto & Windus Clarke, 1949, pp 94-95.

semelhante ao que este designa por virtudes peculiarmente humanas. Não se trata das virtudes que resultam das vantagens seletivas que fizeram do *homo* o que ele é, mas das que expressam uma excelência própria ao *ideal* de humanidade. Na “civilização”, tal como a conhecemos, a força continua sendo a “ultima ratio” das relações sociais. Por isso o caráter condicional do otimismo marxista (a supressão da exploração do homem pelo homem supõe a superação revolucionária da subordinação da arte e engenho humanos à lógica da valorização do capital) parece-nos mais objetivo do que a confiança darwiniana nos “instintos sociais”. Sem revolução, a evolução seguirá desenvolvendo acumulando perversamente a riqueza material num polo e a miséria no polo oposto.

## REFERÊNCIAS

- R. Ardrey, *The hunting hypothesis*, London: Collins, 1976.
- Aristóteles, *Das partes dos animais*, livro IV; *Politica*, livro I.
- Charles Darwin, *The origin of species*. A reprint of the sixth edition (1859). London: Oxford University Press, 1968.
- B. Dubreuil, “Paleolithic goods games: why human culture and cooperation did not evolve in one step”, *Biology & Philosophy*, 25 (1), janeiro de 2010.
- F. Engels, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, texto escrito em 1876, publicado "post mortem" em 1896 em *Die Neue Zeit*. Versão em espanhol, Moscou, Editorial Progresso, 1966.
- Aldous Huxley, *Those Barren Leaves, A Novel*, Londres: Chatto & Windus Clarke, 1949.



Julian Huxley, *Evolution in Action*. New York: The New American Library, 1953

Peter Kropotkin, *Mutual aid, a factor of evolution*. Mineola: Dover, 2006.

J. Le Blond, *Logique et méthode chez Aristote*, Paris: Vrin, 1939.

João Quartim de Moraes, “**O trabalho, adaptação seletiva**”, in *Materialismo e Evolucionismo*, volume II *A origem do homem*, Campinas: CLE/Fapesp, 2011.

Tran-Duc-Thao, *Recherches sur l'origine du langage et de la conscience*, Paris : Éditions sociales, 1973.

Patrick Tort (organizador), *Dictionnaire du darwinisme et de l'évolution*, três volumes, Paris: P.U.F., 1996.

Patrick Tort, “Darwin lido e aprovado”, *Crítica Marxista* 11 (2000).